

Coisas notáveis do Porto Seguro quinhentista: os milagres da fonte de Nossa Senhora d’Ajuda, na obra de Francisco Soares

Notable things about Porto Seguro in the 16th century: the miracles of the Nossa Senhora d’Ajuda Fountain, in the work of Francisco Soares

Lucas de Almeida Semeão

 <https://orcid.org/0000-0001-9048-8334>

Universidade Estadual Paulista

Resumo: o artigo a seguir expõe os resultados da análise da lista de milagres presente no livro “Coisas notáveis do Brasil” (1591), escrito pelo padre jesuíta Francisco Soares. A relação abarca 30 casos de milagres ocorridos após o uso da água milagrosa da fonte da Igreja de Nossa Senhora d’Ajuda, entre 1552 e 1591. Na intenção de examinar os detalhes dos relatos, para extrair informações sobre a vida dos doentes católicos do século XVI, o trabalho parte de uma discussão historiográfica a respeito da lista, passando pela história de Arraial d’Ajuda no primeiro século de colonização, para depois apresentar um estudo sobre a vida e obra de Francisco Soares, autor do livro e redator da lista. Feitas as considerações essenciais à compreensão dos relatos de milagres, foi realizado, em seguida, um estudo tipológico do perfil dos agraciados, das doenças curadas, da forma de aplicação do remédio milagroso de Arraial d’Ajuda e do tempo de espera até a cura, para compreender precisamente a relação dos colonos com a fonte milagrosa. A partir dos dados coletados, foi possível concluir, ao final do artigo, que Francisco Soares se preocupou com a sistematização e heterogeneização dos relatos de milagres da lista, indicando, possivelmente, o interesse de oficializar, institucional e/ou socialmente, a “Fonte da Senhora” como um “local de milagres”, e difundir a devoção à Nossa Senhora d’Ajuda no Novo Mundo.

Palavras-chave: Catolicismo no Brasil. Igreja católica no Brasil. Companhia de Jesus no Brasil. Culto Mariano. Milagres.

Abstract: The following article presents the results of the analysis of the list of miracles present in the book “Coisas notables do Brasil” (1591), written by the Jesuit priest Francisco Soares. The list covers 30 cases of miracles that occurred after the use of miraculous water from the fountain at the Church of Nossa Senhora d’Ajuda, between 1552 and 1591. With the intention of examining the details of the reports, to extract information about the lives of Catholic patients of the century XVI, the work starts from a historiographical discussion regarding the list, going through the history of Arraial d’Ajuda in the first century of colonization, and then presenting a study on the life and work of Francisco Soares, author of the book and writer of the list. Having made the essential considerations for understanding the reports of miracles, a typological study was then carried out on the profile of the recipients, the illnesses cured, the way in which the miracle medicine of Arraial d’Ajuda was applied and the waiting time until the cure, to understand precisely the relationship between the colonists and the miraculous source. From the data collected, it was possible to conclude, at the end of the article, that Francisco Soares was concerned with the systematization and heterogenization of reports of miracles on the list, possibly indicating the interest in making official, institutionally and/or socially, the “Source of Our Lady” as a “place of miracles”, and spread devotion to Our Lady of Help in the New World.

Keywords: Catholicism in Brazil. Catholic church in Brazil. Society of Jesus in Brazil. Marian Cult. Miracles.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Introdução

Em uma nota de rodapé inserida em uma das páginas do tomo I de sua “História da Companhia de Jesus no Brasil”, Serafim Leite fez uma referência que chama a atenção dos leitores interessados em reconstruir a história do Brasil do primeiro século: registrou que o tratado manuscrito intitulado “Algumas coisas mais notáveis do Brasil” (1590), escrito por Francisco Soares (1560-1597), “conta várias curas milagrosas, que ali se operaram, de mordeduras de cobra, câmaras de sangue, quebraduras” (LEITE, v. 1, 1938, p. 206, N. do A. n.º 4), referindo-se ao local onde brotou milagrosamente, segundo os relatos da época, a fonte de Nossa Senhora d’Ajuda, localizada em Porto Seguro. A sucinta e despretensiosa passagem, inserida como complemento informacional, sem muita ligação, é verdade, com o que vinha sendo abordado no corpo do texto, consiste, na verdade, em uma preciosa referência para historiadores que se debruçam a estudar, em escala circunscrita, a proeminência da religiosidade católica na vida cotidiana dos colonos portugueses, residentes nas terras do Brasil no século XVI.

Serafim Leite, apesar do pioneirismo, não foi o único a notar a relação de milagres promovidos pelas águas da fonte, que brotou milagrosamente debaixo do penhasco onde foi construída a Igreja de Nossa Senhora d’Ajuda¹. No V Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História, ocorrido em 1969 na cidade de Campinas, o historiador português José Augusto Vaz Valente, visitando “Coisas notáveis do Brasil”, mencionou a referida lista de milagres, diferenciando-se um pouco de Serafim Leite, que, apesar de citá-la, não escreveu sobre ela mais do que algumas palavras:

Assim, ocupa algumas páginas no relato de alguns milagres de Nossa Senhora da Ajuda, que começam com o aparecimento d’uma fontes de água junto da Igreja, onde os padres desejavam; e um homem, dono dum canavial que se agastava por antes disso, lhe fazerem caminho pela cana em busca da água que não tinham, viu as enxadas e alfaias enterradas no vale para onde a água da fonte milagrosa correu, ficando o mesmo homem daí em diante muito devoto. A este primeiro milagre outros se seguem, relatados em três páginas. Aberto estes parênteses, continua a notícia das capitâneas e seus fundadores, falando sucessivamente da Bahia e Francisco Pereira, quantos homens se desentenderam e o donatário se acolheu a Porto Seguro (VALENTE, 1971, p. 14).

Ao final do texto inserido nos Anais de Congresso, José Augusto Vaz Valente, novamente, destacou a tal lista. Dessa vez Valente entrou em detalhes, destacando a menção aos índios feita por Francisco Soares:

À parte, porém, esse apontamento há ainda uma relação de milagres [que] o padre cita, e que são atribuídos a Nossa Senhora da Ajuda, que se escrevem desde a folha três à folha cinco, onde se citam vários testemunhos e casos que englobam índios ou naturais da terra, entre outros, o que nos faz crer que os problemas da fé estavam presentes em todos, o que haveria sido conseguido pela catequese, ao que supomos (VALENTE, 1971, p. 21).

Escrito provavelmente em 1591 pelo padre jesuíta Francisco Soares, e consultado com certa frequência desde o início do século XX, o manuscrito, levado à prensa pela primeira vez

¹ A Igreja de Nossa Senhora d’Ajuda é patrimônio histórico do Brasil, tombado pelo IPHAN, convertido em Monumento Nacional pelo Decreto n.º 72.107, de 18 de abril de 1973 (IPHAN, 1997).

apenas no século XX, constitui um dos documentos incontornáveis para compreender a história do Brasil no primeiro século de colonização portuguesa, ao lado outras de obras, como “História da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos de Brasil” (1576) (GÂNDAVO, 1980), de Pero de Magalhães Gandavo (1540-1579), “Tratado descritivo do Brasil em 1587” (1587) (SOUSA, 1971), de Gabriel Soares de Souza (1540-1592) e “Tratado da gente e terra do Brasil” (1601) (CARDIM, 1978), de Fernão Cardim (1540-1625). Por que, então, revisitá-lo? Antes de apresentarmos uma resposta, é importante situarmos o leitor acerca do tempo e do lugar em que as histórias de milagres presentes em “Coisas Notáveis do Brasil” foram registradas.

Arraial d’Ajuda no século XVI

Dentre as principais referências historiográficas sobre a temática do catolicismo no Brasil, que o presente estudo se insere, é indispensável mencionar as obras de Serafim Leite, tal como os volumes de sua “História da Companhia de Jesus no Brasil” (LEITE, 1938), dos quais o presente estudo constitui um desdobramento. O trabalho que apresentamos ao leitor também se insere dentro das produções do grupo de pesquisa temático “Escritos Sobre os Novos Mundos” (ESCRITOS, 2020), que busca “estabelecer os procedimentos de abordagem de uma história, não fundada e não representacionista, da construção de padrões morais, uma história dos modos de produção da verdade em língua portuguesa” (ESCRITOS, 2020). Um desses trabalhos também vinculados ao grupo, intitulado “Milagres no Brasil (séculos XVI-XVIII)” (SEMEÃO, 2020b), de minha autoria, constitui uma contribuição à compreensão do universo religioso dos colonos, especificamente ao entendimento de como a fé em eventos extraordinários motivou as ações cotidianas dos fiéis, algo imprescindível à compreensão das motivações que levavam, por exemplo, os adoentados a percorrerem longas distâncias, até Arraial d’Ajuda, à espera de um milagre.

Partindo do universo temático do catolicismo tridentino colonial, importado de Portugal para o outro lado do atlântico, processo compreendido através de uma perspectiva historiográfica que busca analisar a história da construção das verdades, o presente estudo constitui um fragmento de uma história mais ampla, do deslocamento humano e de suas motivações no Brasil do século XVI. Será mostrado como o local de construção da primeira casa dos jesuítas se tornou destino do fluxo demográfico mais antigo do Brasil, ainda em atividade, cuja motivação principal dos seus visitantes, por muitos séculos, foi a esperança de serem milagrosamente curados, sob intercessão de Nossa Senhora d’Ajuda.

A crença em milagres, isto é, na existência de eventos extraordinários à ordem mundana, fez parte do arcabouço teológico do catolicismo, assim como o credo na relação causal entre vício, doença e castigo divino. Acreditava-se que Deus podia intervir no mundo terreno para reordenar seu funcionamento, bem como para reestabelecer a justiça, abalada pelo pecado. Assim, estágios da saúde corporal, como os do adoecimento e cura, não foram interpretados sob a luz do pensamento naturalista, mas, sim, a partir da teologia católica, que compreendia as doenças do corpo como castigos pelos vícios da alma, e eventuais curas como fruto de milagres².

² Por que as pessoas acreditavam em milagres? Alguns pensadores se aventuraram a responder esse espinhoso questionamento, como Pierre Deloiz, que tentou explicar a crença em milagres do ponto de vista sociológico (DELOOZ, 1997). Optamos por não entrar nessa discussão, e não refletir porque, mas como as pessoas acreditavam em milagres, para evitar anacronismos e dogmatismos teórico-metodológicos (VEYNE, 1998).

Em relação ao lugar com fama de milagres que propomos estudar, a história de Arraial d’Ajuda, localizado nas proximidades da cidade de Porto Seguro, na Bahia, merece, ao nosso ver, maior atenção dos historiadores interessados nos primórdios da formação cultural do Brasil. Batizado com o mesmo nome de uma das três caravelas que trouxeram o primeiro governador-geral, Tomé de Souza (1503-1579), e a primeira leva de jesuítas³ que atuaram no Brasil a partir de 1549, o nome “Arraial d’Ajuda” foi uma homenagem à Nossa Senhora d’Ajuda, intercessora dos marinheiros e soldados em Portugal. Iniciada na Praia do Restelo, a devoção à Ajuda foi trazida ao Brasil pelos jesuítas, que difundiram, a partir de então, não apenas a devoção à Nossa Senhora d’Ajuda, mas o culto mariano no Brasil.

Não temos muitas informações sobre Arraial no período que antecedeu à chegada dos inacianos, exceto que era um local habitado por Tupinambás e ao menos um Senhor de terras, de nome desconhecido, dono de uma plantação de cana-de-açúcar. Já em 1549, os jesuítas iniciam a construção de uma igreja em lugar previamente escolhido, indicado pelo superior Manuel da Nóbrega (1517-1570), o primeiro santuário mariano do Brasil e casa da Companhia de Jesus. Dois padres foram designados para levantarem e administrarem a nova igreja: foram eles, Francisco Pires (? - 1586), nomeado como superior local, e Vicente Rijo Rodrigues (1528 - 1600), designado como seu subordinado.

O primeiro, natural de Celorico da Beira, viajou à Porto Seguro em 1550, escolhido para o cargo de reitor do colégio da Bahia. Descrito por Nóbrega como “bom filho” e responsável, foi administrador local da igreja de Nossa Senhora d’Ajuda. Já o segundo, primeiro mestre-escola do Brasil, não recebeu apenas elogios do seu superior: apesar de adjetivado como tendo “boa maneira”, “edificativo” e possuidor de “honesto juízo”, Vicente Rodrigues também foi referido, curiosamente, como “mui idiota e ignorante” (CARTA, 1940, p. 72-73). Ambos atuaram no trabalho de conversão nos aldeamentos indígenas, e na doutrinação dos colonos no Arraial.

Feita inicialmente de paus e ramos, coberta com folhas de palma, tal como eram ordinariamente construídas muitas casas do sertão da América, a Igreja d’Ajuda foi levantada pelos próprios padres jesuítas no alto de um monte, em local considerado favorável aos portugueses em casos de eventuais ataques indígenas. Portanto, existiram critérios para a escolha do local de instalação da primeira casa dos inacianos no Brasil, não constituindo uma decisão aleatória, mas pensada para manter os jesuítas em segurança, além de ter sido, também, uma decisão religiosa, já que normalmente as igrejas eram construídas nos locais mais elevados das regiões ocupadas. Todavia, segundo fontes da época, redigidas tempos depois do evento milagroso, a primeira dificuldade que os padres enfrentaram após alguns dias no Arraial não ocorreu durante o contato com os gentios, mas com o Senhor de terras que ali vivia.

No decorrer da construção da igreja, os padres precisavam, dentre outras coisas, de água boa para beber e usar na construção da ermida. A fonte mais próxima ficava logo após a fazenda do Senhor de terras, obrigando-os a passar pelo seu canavial para terem acesso à água. O tráfego pela plantação, todavia, se tornou motivo de conflito: incomodado com a devassa ocasionada pelas andanças dos jesuítas em seu canavial, o Senhor passou a impedir que os padres passassem pela sua fazenda, impedindo-os, conseqüentemente, de terem acesso à fonte d’água. Preocupados com a situação, e não sabendo como resolver o problema do abastecimento, os eclesiásticos recorreram a Deus, para que o Senhor os socorresse em um momento tão difícil.

³ Manuel da Nóbrega (1517 - 1570), Leonardo Nunes (1509 - 1554), João de Azpilcueta Navarro (? - 1557), Vicente Rodrigues (1528 - 1600), Antonio Pires (1519 - 1572) e o Irmão Diogo Jácome (? - 1565).

Francisco Pires, então, rezou uma missa pela causa dos padres jesuítas, que interpretaram a implicância do Senhor de terras como um impedimento ao estabelecimento do Reino de Deus no Novo Mundo. Segundo os relatos da época, compadecendo-se das dificuldades dos inacianos, Deus, sob intercessão de Nossa Senhora d’Ajuda, operou um milagre no Arraial, fazendo jorrar, milagrosamente, uma fonte debaixo do penhasco em que a igreja estava sendo construída. Rapidamente, a notícia chegou em Santa Cruz Cabrália (24,8 km de distância do Arraial), Santo Amaro (613 km) e Pernambuco (1.121 km), percorrendo parte considerável da costa territorial do Brasil.

Ainda que, ao menos inicialmente, tenha se tornado símbolo da expansão católica tridentina, a fonte, pouco tempo depois do seu irrompimento, passou por um processo de *ressignificação social*, assumindo a função de botica milagrosa. Provavelmente, passados alguns anos após o conflito entre os jesuítas e o Senhor de terras, os pacientes de Nossa Senhora se banhavam na fonte milagrosa sem saberem da versão da história do seu surgimento⁴. O fluxo migratório em grande escala mais antigo do Brasil é parte de uma outra história, mais ampla, a saber: de uma história das dificuldades da expansão tridentina, em que os interesses religiosos, por vezes, conflitaram com os interesses materiais (SEMEÃO, 2020a). Após situarmos o leitor acerca do tempo e do lugar em que as histórias de milagres presentes em “Coisas Notáveis...” foram registradas, tratemos, a seguir, acerca de alguns aspectos importantes sobre a vida e obra de Francisco Soares.

Vida e obra do Padre Francisco Soares (1560 – 1597)

O português Francisco Soares nasceu em 1460, em Ponte Lima, e entrou para a Companhia de Jesus em 1575. Sabia a língua brasílica e provavelmente ocupou cargos ministeriais, pois somente deu início aos estudos sete anos após entrar na Companhia. Em 1584 estudou gramática; em 1586 ouviu casos de consciência, sem exercer o ofício sacerdotal; e no ano de 1589, após passar um tempo longe de Portugal, retornou acompanhando o Visitador Cristóvão de Gouveia. Durante a viagem, a embarcação em que estava foi acometida por piratas, mas, por sorte, conseguiu sobreviver. Faleceu em 11 de novembro de 1597. Nada mais se sabe sobre Francisco Soares, além de ter empunhado a pena que redigiu “Coisas notáveis do Brasil” (LEITE, v. 9, p. 1938, p. 139).

Estudado periodicamente pelos historiadores interessados em conhecer a história dos primórdios da colonização, “Coisas notáveis do Brasil”, apesar de sua relevância como fonte de pesquisa histórica, foi impressa pela primeira vez apenas em 1904, pela Biblioteca de Coimbra. A versão portuguesa vinda a público naquele ano é uma edição fac-similar de um dos dois únicos manuscritos originais do livro de Francisco Soares existentes que se tem conhecimento. Apesar de redigidas pelo mesmo autor, possuem conteúdos distintos. A mais antiga, de 1591, breve e direta na narração dos acontecimentos, cuja versão original está na Universidade de Madrid, versa principalmente sobre a história do descobrimento e povoação do Brasil, os trabalhos dos jesuítas, os costumes dos índios e os principais espécimes da fauna e flora do Brasil, sob o olhar dos portugueses. Já a segunda versão, escrita entre 1591 e 1596, depositada no catálogo de obras da Universidade de Coimbra, desenvolve e amplia os mesmos tópicos da versão madrilenha, ressaltando, mediante passagens descritivas, a diversidade da fauna e da flora brasílica, bem como outros detalhes da vida colonial. O

⁴ Hoje, essa história, praticamente, caiu no esquecimento.

manuscrito não foi impresso integralmente até 1924, quando a Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro republicou a edição Coimbra (SOARES, 1904).

Em 1966, uma outra versão, a última, veio a público (SOARES, 1966, v. 1). Priorizamos neste trabalho, em detrimento de outras versões, pois além de ser a mais recente, apresenta tanto as fotocópias dos originais de Madri e Coimbra, quanto suas respectivas versões fac-similares. Ao longo da leitura dessas versões, podemos perceber que a lista de milagres analisada está presente na de Coimbra, mas ausente na de Madrid, por motivos desconhecidos. Talvez o autor tenha conscientemente optado por guardar os detalhes da história colonial para a versão mais robusta, ou mesmo coletado informações adicionais sobre os milagres da fonte de Nossa Senhora d’Ajuda posteriormente à redação da primeira versão do livro.

Por fim, é preciso destacar que segundo Francisco Soares, “tudo isto foi tirado por tas [ilegível] de fé que tirou o administrador” (SOARES, 1904, p. 39). O Administrador Eclesiástico que Soares se refere é, segundo Serafim Leite, António Gonçalves (1531-1611)⁵. Nascido em N. S. da Serra, entrou na companhia em 1554, e embarcou ao Brasil seis anos depois. Fez seus votos na cidade de São Vicente, dominou a língua brasílica e trabalhou, sobretudo, com os índios de Porto Seguro, São Paulo e Rio de Janeiro. Em 1584 se tornou Superior do Espírito Santo. Faleceu no ano de 1611, no Rio de Janeiro, com fama de bem-quistado. Ainda em vida, em 15 de fevereiro de 1566, Antonio Gonçalves, de Porto Seguro, escreveu uma epístola ao Provincial de Portugal, padre Diogo Mirão (? - ?), na qual em um parágrafo específico, mencionou os milagres que presenciou, após muitos doentes terem contato com a água milagrosa de Nossa Senhora d’Ajuda, considerada, segundo o relato, um instrumento público de cura:

O jubileu se celebrou o ano passado aqui três vezes. A primeira em uma ermida da casa, que se chama Nossa Senhora da Ajuda, em que estiveram os padres antigamente, e por estar agora longe da vila, não residem nela: é casa de muita devoção e romagem, pelos muitos milagres que tem feito e faz, e eu sou testemunha de vista de alguns, como sarar pessoas quebradas, e de outras muitas diversas enfermidades quase incuráveis, encomendando-se à Nossa Senhora e lavando-se em uma fonte que miraculosamente nasceu ao pé dela. E outras pessoas, mandando buscar água e bebendo-a, por sua intercessão o Senhor é servido dar-lhe saúde, e dos milagres que Nossa Senhora tem feito aí um instrumento público, ainda que não de todos, porque cada dia se fazem. Não duvido que, si fora nesse Reino, fora de grande concurso de gente; ao qual jubileu foi muita gente, e muito mais fora, si não o estorvara o braço do mar que se mete no meio, que lhes estorva muitas vezes a romaria por causa da passagem (GONÇALVES, 1931, p. 476).

Não sabemos ao certo se Francisco Soares teve contato com Antonio Gonçalves, ou com a carta supracitada, para saber sobre os milagres da fonte, mas é certo que ele fundamentou a veracidade das histórias de milagre da fonte a partir das informações de Antonio Gonçalves, o Administrador. Feitas as devidas considerações sobre a vida e a obra de Francisco Soares, passemos aos resultados de pesquisa da análise do fragmento extraído

⁵ Após mencionar alguns tipos de curas milagrosas inseridas no livro de Francisco Soares, Serafim Leite afirmou em nota de rodapé, parafraseando o próprio autor de “Coisas notáveis [...]”, que “tudo isto se autenticou pelo Sr. Administrador Eclesiástico António Gonçalves, que narra vários milagres, de que foi testemunha de vista” (LEITE, v. 1, 1938, p. 206, N. do A. n.º 4).

de “Coisas notáveis do Brasil”, que exhibe 30 casos de milagres intercedidos por Nossa Senhora d’Ajuda, através das águas da “Fonte da Senhora”⁶.

A botica de Arraial d’Ajuda

Pacientes

A tabela a seguir exhibe, sintética e sistematicamente, as 30 histórias de milagre da fonte de Nossa Senhora d’Ajuda, registradas em “Coisas notáveis do Brasil”, por Francisco Soares. A partir dela, é possível visualizar um resumo dos milagres descritos pelo autor, raramente datados, como mostrado na coluna de referência, que supostamente agraciaram pessoas de gênero, faixa etária e perfis distintos, após aplicarem, de formas e por tempo diferentes, o remédio milagroso da botica da Ajuda, como indicado na linha de referência da tabela. Outros casos de milagres, não propriamente de cura, mas de castigo e salvação, como foram chamados, também serão abordados a seguir.

Casos de milagres narrados na versão coimbrã do manuscrito “Coisas notáveis do Brasil”, de Francisco Soares

ANO	NOME	GÊNERO	FAIXA ETÁRIA	ETNIA	TIPO DE MILAGRE	PERCALÇO	USO DA ÁGUA	TEMPO PARA CURA	PECADO COMETIDO	PENA	TIPO DE SALVAÇÃO
-	Alvaro p'z Galego (mor em S. Amaro e mordomo da casa de N. S ^a)	Masculino	Adulto	Branca	Cura	Mordida de cobra em perna com Herpes	Se lavou (mandou buscar)	Não especificado	-	-	-
1552	Jolo Lobato	Masculino	Adulto	Branca	Cura	Câmaras de sangue e outras doenças não especificadas	Se lavou	Não especificado	-	-	-
1558	Filha de Lianor Nunes (comadre de Alvaro p'z Galego, mor em S. Cruz)	Feminino	Não adulto	Branca	Cura	Nasceu quebrada	Foi lavada na fonte	Não especificado	-	-	-
1565	Filho de Jorge Dias	Masculino	Adulto	Branca	Cura	Lhe deu o ar e lhe punha a boca de trás e era offego	Não especificado	9 dias	-	-	-
-	Gongão Dias	Masculino	Adulto	Branca	Cura	Nasceu lhe uma esponja	Uso contínuo	9 dias	-	-	-
-	Filho de Gaspar Nunes	Masculino	Não adulto	Branca	Cura	Quebrado	Não especificado	Antes de 9 dias	-	-	-
-	Mulher de Lopo Giz, mor em Pernambuco	Feminino	Adulto	Branca	Cura	Dificuldades de fertilização	Se lavou e beber	Não especificado	-	-	-
-	Ant ^a Fz Destreino e família	Masculino	Adulto	Branca	Cura	Enfermidade não especificada, tobicho na mão esquerda e bexiga no olho	Se lavaram	Não especificado	-	-	-
-	P ^a Miges	Masculino	Adulto	Branca	Cura	Lobinho junto ao olho	Não especificado	9 dias	-	-	-
-	-	Feminino	Adulto	Negra	Cura	Estava para morrer com uma criança morta dentro	Não especificado	Não especificado	-	-	-
-	Escrava de F ^o Romeiro	Feminino	Adulto	Negra	Cura e castigo	Sobreviveu ao parto de uma criança morta	-	-	Não pagamento de promessa	Morte	-
-	Jôão vte de Vilna de Lima	Masculino	Adulto	Branca	Cura	Doenças dos olhos	Utilizou por 4 anos	4 anos	-	-	-
-	Escrava de J ^o Mel Tristao	Masculino	Adulto	Negra	Cura	Grandes Chagas	Se lavou	Poucos dias (não especificado)	-	-	-
-	Filho de Simão Daveiro	Masculino	Não adulto	Branca	Cura	Chagas	Se lavou no pescoço	3 dias	-	-	-
-	Filho de Isabel p'z	Masculino	Não adulto	Branca	Cura	Quebrado	Não especificado	Não especificado	-	-	-
1579	Filho de Ant ^a Lopez	Feminino	Não adulto	Branca	Cura	Mãe de uma perna	Não especificado	9 dias	-	-	-
1581	Filha de M ^a mont ^a	Feminino	Não adulto	Branca	Cura	Verrugas nas mãos	Não especificado	4 dias	-	-	-
-	Um dos gêmeos de S.	Masculino	Não adulto	Branca	Cura	P ^o quebrado	Não especificado	Não especificado	-	-	-
-	G ^o Gz	Masculino	Adulto	Branca	Salvação	Quebrado	Não especificado	-	-	-	As casas de palma não se queimaram
-	Escrava de Ant ^a dias Casab	Masculino	Adulto	Negra	Cura	Quebrado	Não especificado	-	-	-	-
-	Um homem de Santo Amaro	Feminino	Adulto	Branca	Cura	De noite com dor dos olhos	Não especificado	Instantaneamente	-	-	-
-	Velha batizada por M ^a Barboza	Masculino	Adulto	Branca	Castigo	-	-	-	Pisou fogo próximo a igreja	Sua casa pagou fogo	-
-	-	Feminino	Idoso	Indígena	Cura	Quase mortandade	Batismo	Não especificado	-	-	-
-	-	Feminino	Idoso	Indígena	Cura	Quase mortandade	Batismo	Não especificado	-	-	-
-	-	Feminino	Idoso	Indígena	Cura	Quase mortandade	Batismo	Não especificado	-	-	-
-	-	Feminino	Idoso	Indígena	Cura	Quase mortandade	Batismo	Não especificado	-	-	-
-	-	Feminino	Idoso	Indígena	Cura	Quase mortandade	Batismo	Não especificado	-	-	-
-	-	Feminino	Idoso	Indígena	Castigo	Penas de morte	-	Não especificado	Recusa do batismo	Morte	-
-	-	Feminino	Idoso	Indígena	Cura	Grandes chagas	Não especificado	Não especificado	-	-	-
-	-	Feminino	Não adulto	Indígena	Cura	Chagas	Não especificado	Não especificado	-	-	-

Tabela 1. Fonte: elaboração própria

Ao adentrar no conteúdo do livro de Francisco Soares, mais especificamente nas três páginas em que o autor registrou os 30 casos de milagre (um dos relatos é incompreensível⁷), a primeira coisa a se notar, do ponto de vista histórico, é a despreocupação com a datação dos casos: apenas cinco deles foram temporalmente situados. A partir das informações contidas no texto, não é possível saber o critério que levou o autor a mencionar os anos de apenas 5 casos da lista de milagre, ao contrário dos outros 25. Em contrapartida, é notável ao lermos a redação do autor, a preocupação com a ordem de exposição dos fatos, pois os casos datados foram cronologicamente dispostos na narrativa.

⁶ “Fonte da Senhora” foi a alcunha dada pelos cristãos e índios à fonte d’Ajuda (RODRIGUES, 1956, v. 1, p. 321).

⁷ “No anno de 65 Jorge Dias tinha hu f^o. o ql lhe dey o ar e lhe punha a boca de tras e era offego em 9 dias foi são” (SOARES, 1966, v. 1, p.35).

Da mesma forma, nem todas as histórias apresentam os nomes dos beneficiados pelos milagres: apenas 7 do total de 30. Entretanto, é possível identificar o critério para a menção dos nomes: a condição social. Nos casos em que os milagres agraciaram escravos negros, por exemplo, seus respectivos nomes não foram citados, mas, sim, quase sempre, os dos seus Senhores. O mesmo critério, possivelmente, serviu para a omissão dos nomes dos índios, bem como os das crianças, independente da origem, sendo referenciadas apenas através dos nomes de um dos genitores. As mulheres adultas e não notáveis também não tiveram seus nomes registrados na lista de Francisco Soares. Em metade dos casos, todavia, as pessoas agraciadas são do gênero feminino, mas raramente brancas adultas, bastante raras no Brasil quinhentista, o que pode explicar esse desequilíbrio.

O perfil feminino dos casos é composto, majoritariamente, por velhas índias e meninas brancas: das 15 pessoas do gênero feminino mencionadas por Francisco Pires, 4 são crianças (3 delas brancas e 1 indígena), 4 são adultas (2 escravas e 2 brancas) e 7 são velhas (todas indígenas). Entre o gênero masculino, 11 entre os 15 agraciados são adultos (entre eles, 9 portugueses e 2 escravos), e o restante, 4, são crianças (todos brancos). A idade não foi especificada nos casos envolvendo homens brancos, possivelmente porque essa informação não interessava à fundamentação dos relatos da lista: as velhas índias, autoridades nas aldeias, exerciam um domínio tradicional (WEBER, 1973, p. 50-51) na comunidade, e seus relatos de cura pelo batismo se equiparavam, ou até mesmo superavam, por serem convertidas, a validade de um relato de milagres narrado por brancos notáveis da elite colonial. Isso quer dizer que quando os milagres, supostamente, agraciavam pessoas da alta sociedade portuguesa ou líderes indígenas, o relato possuía mais credibilidade. No caso dos negros, não existiu uma categoria social equivalente, que mereceu ser citada por Francisco Soares como instrumento discursivo de fundamentação da veracidade do relato.

Do ponto de vista etário, os não adultos⁸ foram protagonistas de 8 casos. Já os adultos e velhos, 23. Entre os adultos, como dito anteriormente, 7 são velhas índias mulheres. A quantidade de não adultos curados mostra que uma das principais dificuldades daqueles tempos era a superação das dificuldades impostas pela sobrevivência nos anos iniciais de vida. Finalmente, para finalizar a análise tipológica dos beneficiados pelos milagres, foi constatado que 18 agraciados eram portugueses, 8 eram índios e 4 eram de matriz africana.

Portanto, do ponto de vista de uma análise interseccional, o perfil dos agraciados pelos milagres intercedidos por Nossa Senhora d'Ajuda é heterogêneo, no que tange aos recortes de gênero, faixa etária e etnia.

Doenças

No período colonial do Brasil, vários foram os percalços enfrentados no cotidiano. Recorrentemente vistas como consequências das negligências com o corpo, as doenças, por exemplo, também foram interpretadas, do ponto de vista religioso, como castigos aplicados em razão dos malcuidados com a alma. Isso quer dizer que as enfermidades, principalmente nos casos em que os achaques apareciam repentinamente, eram tidas como sinais de uma vida moralmente desvirtuada, em que as virtudes não serviam de orientação para a vida, os excessos e as faltas se tornaram hábito, e o próprio sujeito se tornou o algoz de sua própria, lenta e gradual, destruição corporal e espiritual.

⁸ Não sabemos se eram recém-nascidos ou crianças.

Dos 30 casos narrados, número arredondado, que pode indicar, novamente, o desejo de sistematização do discurso, o que provavelmente não foi feito de forma despretensiosa, 27 contam histórias de milagres de cura, confirmando sua predominância entre outros tipos de milagres recorrentemente citados nos escritos coloniais (SEMEÃO, 2020b, p. 51-60). O restante dos casos será estudado, posteriormente, à parte. Por hora, concentremo-nos nos problemas de saúde milagrosamente removidos, citados na lista.

Em linhas gerais, o percalço mencionado mais frequentemente na lista foi a “quebradura” (5 vezes citada), sofrida, principalmente, por pessoas não adultas (4 crianças, todas brancas, entre elas 3 meninos e 1 menina). Ao consultarmos o dicionário de Rafael Bluteau (1638-1734), na falta de um léxico do século XVI, damos conta que o termo “quebrado” significava, provavelmente, tanto “*Ruptus*, ou *fractus*”, quanto “o que tem hernia intestinal” (BLUTEAU, 1720, v. 7, p. 33). A entrada “quebradura” nos oferece uma explicação mais precisa do duplo significado desse conceito:

Quebradura: [...] falando em membros, ou ossos quebrados. Desta mesma palavra latina usam os nossos cirurgiões neste sentido. Fratura, quebradura violenta [...].

Quebradura, chamam alguns impropriamente toda a casta de hernia, porque esta palavra propriamente se há de entender só da Hernia intestinal, quando se relaxa e estende, ou (segundo a duvidosa opinião de alguns) se rompe o Peritoneu, e caem as tripas na bolsa (BLUTEAU, 1720, v. 7, p. 34).

Se examinarmos com precisão a faixa etária dos agraciados nesses casos, perceberemos que a maioria das pessoas “quebradas” são crianças, e em um caso específico, inclusive, a beneficiária do milagre era uma recém-nascida, indicando que o redator da lista usou o termo “quebrado” para se referir, muito possivelmente, à hérnia intestinal. Incidindo com mais frequência em crianças, as hernias umbilicais são causadas em razão da passagem de alguma parte do intestino através dos músculos, causando incômodo ou dor, à medida que o rompimento do tecido muscular e a protusão aumentam. Podem desaparecer de forma espontânea, o que provavelmente não ocorreu com os doentes da lista, em razão de terem recorrido às águas milagrosas da fonte de Nossa Senhora d’Ajuda, um dos únicos remédios disponíveis naquele tempo, se não o único, diante da persistência de qualquer enfermidade.

Além dos quebrados, as índias que retomaram a saúde após aceitarem o batismo constituem um segundo grupo de adoentados proeminente da lista. Todas, segundo a descrição, estavam à beira da morte, não existindo, segundo Francisco Soares quer insinuar, outra possibilidade de cura, senão por milagre. Não é possível saber a causa do adoecimento das índias, ou se estavam fragilizadas por conta da idade avançada, mas é relevante destacar, como sabido, que muitos nativos adoeceram após terem contato com os brancos. Em razão do distanciamento biológico em que índios e portugueses foram criados, o processo de colonização ocasionou, dentre outros efeitos imprevistos, a proliferação de doenças por ambos os grupos.

Para além da causa do adoecimento das índias, curadas milagrosamente, o grande objetivo de Francisco Soares foi defender a existência de uma relação causal entre o sacramento do batismo e a cura dos corpos. Isso porque o batismo não era apenas um ritual de associação ao catolicismo, mas, também, um ritual de remoção do pecado original da alma dos homens. Como o grau de pureza do espírito interferia na saúde do corpo, segundo os católicos, existiram fundamentos teológicos para defender a tese de que a prática batismal era capaz de curar milagrosamente pessoas adoentadas. No artigo de minha autoria, intitulado “Prática batismal e os cuidados com o corpo e com a alma no Brasil colonial (séculos

XVI e XVII)”, evidenciei, mediante documentos da época, a crença difundida por padres, e compartilhada pelos colonos e índios convertidos, na capacidade curativa do batismo, visão concorrente à difundida por muitos líderes indígenas, que disseminavam nas comunidades que o batismo matava (SEMEÃO, 2022).

Existem diversos relatos dos séculos XVI e XVII de crianças indígenas curadas pelo sacramento batismal, mas encontrar o mesmo ocorrendo com velhas índias é menos frequente. Isso porque houve resistência dos Principais em se batizarem, sobretudo das velhas com poder de liderança, não por uma eventual resistência à religião dos brancos, segundo intuitivamente muitas vezes se pensa, mas em razão de uma preocupação com a sobrevivência: “na Aldeia, com as velhas não há coisa que as mova da nossa parte para quererem receber o batismo, porque tem por muito certo que lhe deitam a morte [...]”, escreveu o inaciano António de Sá, do Espírito Santo, em uma carta aos padres da Bahia em 1559 (SÁ, 1956, v. 3, p. 20). Quando os padres venciam essa guerra de narrativas e conseguiam batizar líderes indígenas, o feito se tornava digno de registro, para divulgar o poder de difusão da religiosidade católicas, e exibir a universalização, segundo os católicos, da caridade de Deus com seus fiéis, independentemente da origem (SEMEÃO, 2022).

Além das hernias e gentios moribundos curados, também foram registrados 5 casos de curas de chagas, que se não fossem tratadas, podiam comprometer severamente os membros afetados, ou mesmo levar à morte. Como nos casos das quebras, provavelmente as chagas dos listados persistiram em não desaparecer, fazendo com que a melhor atitude fosse recorrer às águas milagrosas de Arraial d’Ajuda. A diversificação dos perfis dos acometidos pelas chagas também é evidente, no que remete ao gênero, faixa etária e etnia dos agraciados, e se somarmos os casos de quebra, das índias moribundas e dos chagados, teremos a metade do total de casos registrados na relação de milagres de “Coisas notáveis do Brasil”.

A lista também exhibe 3 histórias de pessoas com problemas na região dos olhos. Desperta curiosidade em duas delas, como no caso das crianças quebradas, o significado de certos conceitos usuais da época. A família do português António Frz, um dizimeiro, incluindo ele próprio, foi acometida por uma bexiga junto aos olhos, indicando o caráter contagioso da moléstia. Segundo o léxico de Rafael Bluteau:

BEXIGAS, Bexigas. Doença conhecida, que cobre o couro de bostelas. Procede de um sangue viciado, que causa esta efervescência na massa sanguínea, e do sangue reconcentrado nas bostelas se geram uns pequenos abscessos, com impressões corrosivas na pele, que nela deixam umas pequenas cicatrizes. Gastam as bexigas três dias em sair, depois de nove estão maduras, no fim de outros nove estão secas. É mal contagioso, e tão perigosamente simpático, que muitas vezes a irmãos e irmãs, ainda que distantes uns dos outros, no mesmo tempo se comunica. Faz Borrello menção de uma mulher que depois de ter sete vezes bexigas, morreu finalmente de outras, que na idade de cento e dezoito anos a levarão. Há bexigas negrais, bexigas de pelo de lixa, bexigas de ta e bexigas doidas. *Variolae, arum. Fem. Plur.* É o termo de que comumente usam os médicos latinos *Boa, Fem.* [...] Também lhe poderás chamar *Papularum morbus* (BLUTEAU, 1712, v. 2, p. 115).

Ao constatar que contraíram varíola, depois de passados alguns dias com pústulas junto aos olhos e, certamente, mal-estar, diante da possibilidade de expirarem em razão da doença, António Frz e sua família decidiram recorrer à água milagrosa da Fonte d’Ajuda.

Agiu da mesma forma um tal P^o Miguez, que em vez de bexiga, possuía um lobinho junto ao olho. Segundo Bluteau, lobinho é um tipo de “tumor preternatural, hora duro e hora mole, sempre redondo. Nasce de ordinário nas partes duras, secas e nervosas” (BLUTEAU, 1716, v. 5, p. 168). Em outros dois casos, um homem e uma mulher portuguesa com mal nos olhos também foram curados - esta última recorreu às águas da fonte durante a noite, indicando a insuportabilidade da dor, diante do cálculo de custo-benefício entre sair à noite para tentar se curar, uma ação perigosa, e esperar até o crepúsculo do amanhecer.

É perceptível na lista que além dos olhos, eram frequentes os problemas de saúde em outras partes do corpo, como nas pernas e mãos. No primeiro caso da lista, o português Alvaro Pi'z Galego, mor em S. Amaro e mordomo da igreja da Ajuda, estava com uma perna doente de herpes e, como se não bastasse, uma cobra lhe picou no mesmo membro. No outro relato, apenas foi especificado que em 1579 uma filha de António Lopez estava mal de uma perna, mas sarou depois do contato com a água milagrosa. Em relação aos que possuíam doença na mão, além do caso já citado de António Frz e sua família, também foi registrada a história de cura da filha de M^a montr^a, que estando com verruga em um dos membros, foi curada após ser remediada com a água milagrosa.

Outro problema de saúde comum na vida dos colonos naquele tempo foi a infertilidade. Em um dos relatos, a dificuldade de ter filhos levou um casal de notáveis de Pernambuco, a se deslocarem cerca de 1.200 Km até Arraial d'Ajuda, para buscarem a água de Nossa Senhora. Em outros dois casos, duas mulheres gestantes quase morreram durante o parto, uma delas carregando uma criança no ventre.

Por fim, vale destacar um último caso listado, o do português Gonçalo Dias, que sofria com uma esponja, nomenclatura vulgar de um dos sintomas da sífilis ou “Morbo Gálico”, assim chamada devido ao seu aspecto. “Nascem também nestas partes umas esponjas, que se curarão com os mesmos medicamentos das verrugas” (BLUTEAU, 1712, v. 3, p. 288), registrou Bluteau no seu léxico. Como uma das teorias, a mais difundida, defende que a América foi o local de origem da sífilis, e sabendo da baixa quantidade de mulheres brancas no Brasil do século XVI, é possível que Gonçalo Dias a tenha contraído sexualmente com alguma índia, se nos apegarmos às probabilidades de contágio, que evidentemente abarcam outras possibilidades. É importante lembrar também que, do ponto de vista teológico, as relações entre portugueses e índias só eram permitidas caso a esposa se convertesse ao catolicismo, abandonasse suas antigas crenças e costumes, e, por fim, aceitasse o batismo.

Ao que tudo indica, do ponto de vista infectológico, Gonçalo Dias contraiu a doença até três meses antes de recorrer ao remédio milagroso da Ajuda, após notar o aparecimento e persistência da esponja. Devido à omissão do local da ferida por Francisco Soares na narrativa, e conhecendo sobre as características do estágio primário da sífilis, é possível que a doença lhe tenha afetado as partes íntimas, e a falta de indicação do lugar tenha sido uma tentativa de preservação da imagem do paciente de Nossa Senhora d'Ajuda, ou tão somente uma história parcialmente relatada.

Medicamento

Modos de usar

Ao constatarem a persistência e a gravidade das doenças que contraíram, e não havendo médicos ou alguém que pudesse remediá-los, a única saída era recorrer aos medicamentos espirituais recomendados nas celebrações religiosas, como às orações, jejuns, penitências, procissões, promessas e obras de misericórdia. Entretanto, ao notarem

que essas práticas não eram suficientes para a cura, ou mesmo na intenção de reforçá-las, os católicos do Porto Seguro quinhentista e de outras regiões do Brasil recorriam à única botica da América portuguesa do século XVI: a fonte de Nossa Senhora d’Ajuda. As esperanças de cura dos que viajavam até Arraial d’Ajuda para se banharem ou coletarem a água milagrosa, proporcionou o surgimento do mais antigo fluxo migratório do Brasil, ainda em atividade⁹.

Se debruçando sobre os casos de milagres da lista divulgada em “Coisas notáveis do Brasil”, é possível realizar uma tipologia das formas de uso da água de Nossa Senhora. Metade dos relatos (13 do total de 26 casos de milagres de cura), é verdade, não indicam, por exemplo, o local de aplicação do remédio, enquanto a outra metade (13 casos) oferece alguns detalhes interessantes. Nos 5 casos das velhas índias batizadas pelos padres católicos, a água deve ter sido derramada lentamente sobre suas testas, como era o costume nos rituais batismais. Nos casos da mulher de Lopo Glz e do filho de Simão Daveiro, as utilizações da água se deram, respectivamente, por ingestão, em razão da esterilidade, e uso localizado, nas chagas, mostrando que a aplicação do remédio se relacionava ao local afetado pela enfermidade.

Em 6 casos, no entanto, Francisco Soares escreveu que os doentes foram lavados com a água da Ajuda, mas apenas 2 entre esses casos oferecem mais detalhes ao leitoss. Alvaro pi’z Galego, mor de Santo Amaro, mandou buscar a água milagrosa, trabalho certamente cumprido por cativos. Por ser mordomo da Igreja de Nossa Senhora, devia visitar com frequência as missas e outras celebrações no Arraial quando estava bem de saúde, levando consigo alguns escravos, que provavelmente aprenderam o caminho de Santo Amaro à Arraial d’Ajuda. Alguns deles, provavelmente, não se sabe quantos, passaram a ser responsáveis por irem até a botica da Ajuda, armazenarem a água em algum recipiente seguro, e trazê-la o mais rápido possível, tarefa árdua que exigia, aproximadamente, 613 km de locomoção. Ao chegar, Alvaro pi’z Galego foi lavado com o medicamento, e, segundo o relato, milagrosamente curado.

Já a filha de Lianor Nunez, mor em S. Cruz, que sofria de hernia, foi levada à fonte para usufruir do remédio, provavelmente através de um banho d’água, o que pode ter sido encarado como a melhor forma de uso medicamentoso, devido à necessidade do deslocamento, compreendido no catolicismo como uma espécie de sacrifício, uma romaria, em nome da cura, e, também, pelo fato do banho ser aplicado diretamente na fonte. Outra explicação é que a comadre de Alvaro pi’z Galego frequentava as missas do Arraial regularmente, e em uma dessas visitas, diante do mal sofrido pela filha, aproveitou para remediá-la na botica da Ajuda, ou levar um pouco da água.

No momento do uso do remédio, os doentes ou seus cuidadores certamente recitavam orações, especificamente dedicadas à Nossa Senhora d’Ajuda ou a outros padroeiros específicos, como parte do pedido de intercessão. Em seguida, então, vinha o tempo da paciência, em que os esperançosos, corporalmente fragilizados pelas doenças, aguardavam, cheios de fé, a tão esperada cura milagrosa.

Tempo de uso

Apesar de 17 casos não especificarem precisamente o tempo de paciência que os adoentados tiveram que esperar até a cura, 10 deles oferecem algumas informações. Em metade dos casos, 9 dias foi o número exato (4 casos) ou a data limite (1 caso) que os

⁹ Hoje, a maioria dos visitantes da fonte de Nossa Senhora d’Ajuda não são pacientes, mas turistas.

pacientes esperaram para serem curados, o padrão mais evidente no primeiro contato com o manuscrito de Francisco Soares. O relato sobre a cura do filho de Gaspar Nunez é um indício de que, ou Francisco Soares, ou as próprias pessoas daquele tempo, esperavam, dependendo da doença, até ou precisamente 9 dias para serem curadas: “Gaspar Nunez tinha hu fº quebrado antes de 9 dias cõ esta agoa foi saõ” (SOARES, 1966, v. 1, p. 35). É possível que essa numerologia do tempo de espera tenha sido alguma tradição importada de Portugal, mas desconhecemos sua origem.

O número 4 se repete duas vezes, mas enquanto a filha de M^a montr^a aguardou 4 dias para que as verrugas de suas mãos desaparecessem, João vte de Viãna de Lima, que sofria de doença dos olhos, teve que fazer um tratamento prolongado de 4 anos para ser curado de uma doença dos olhos, não identificada pelo autor. O filho de Simão Daveiro, que sofria de chagas no pescoço, aguardou 3 dias pela cura, e o escravo de Jr’ Mel Tristao, poucos dias, sem quantidade especificada. Por fim, o milagre mais rápido foi o da portuguesa com dor nos olhos, curada momentaneamente, após buscar o remédio do Arraial durante a noite. Provavelmente, não suportando mais o incômodo na região ocular, recorreu à botica de Nossa Senhora d’ajuda: “foi lá e veio sã”.

Contraindicações

Durante a leitura da lista, nos deparamos com 4 casos diferentes dos outros 26, a saber: não relatam milagres de cura. 3 deles podem ser tipificados como milagres de castigo e 1 como milagre de salvação. Entre os castigados, foi possível perceber, mais uma vez, a heterogeneidade das etnias dos curados. Logo após o relato de uma mulher que estava para morrer com uma criança morta no ventre, foi mencionado o caso de uma escrava de Francisco Romero, que tendo dificuldades na hora de dar à luz, fez, ou talvez tenham feito por ela, provavelmente junto ao uso da água, uma promessa por um bom parto em troca de penitência.

Todavia, certamente é possível excluir a possibilidade de a promessa ter sido o exercício de obras de misericórdia e longas romarias, pois a mulher era cativa. Além disso, provavelmente, o juramento foi proporcional à gravidade da situação, exigindo, em contrapartida, fé e disposição para cumpri-la após firmada no desespero, diante da face da morte. A escrava foi abençoada com o milagre, mas também foi inadimplente, o que lhe custou a vida durante um parto seguinte. A interrupção do tratamento podia ocasionar efeitos colaterais.

Proteção da botica

Da mesma forma que no caso anterior, em que Francisco Soares primeiro relata uma história de milagre bem-sucedido, operado em benefício de um convertido, e depois outra de um rebelde castigado por contrariar a fé católica, foi registrado o episódio miraculoso de uma velha índia que não quis ser batizada, diferentemente das outras cinco anteriormente mencionadas, o que lhe custou, em contrapartida, a pena de morte. O único entre os relatos de castigo que não resultou em uma pena mortal foi o de um português de Santo Amaro, também anônimo, que colocou fogo próximo à igreja, a contragosto do Administrador da ermida, que não se sabe se na época ainda era Antonio Gonçalves. A omissão do nome do responsável pelo incêndio pode ser intencional, e estar relacionada a uma tentativa de não perpetuar rumores e escândalos públicos desnecessários após o ocorrido, ou mesmo desconhecimento do seu nome por parte do redator da lista. A partir do princípio da

proporcionalidade entre pecado cometido e castigo prescrito, a pena dada por Deus ao incendiário, segundo o relato, foi a queima da sua casa.

Por fim, foi relatado um milagre de salvação. Segundo a história, Gaspar Glz colocou fogo, por motivos não mencionados, talvez agrários, ao lado de sua residência, localizada nos arredores da Igreja. Segundo o relato, o Arraial afogueou, exceto a igreja e as casas de palma, que, como é sabido, são facilmente inflamáveis, evento interpretado como um milagre. Como o ocorrido foi um acidente, o homem foi absolvido pelo Sacro Tribunal de Justiça Celestial, e o incêndio milagrosamente interrompido.

Conclusão

Diante dos resultados de pesquisa apresentados, podemos, agora, responder ao questionamento levantado na introdução: por que revisitar “Coisas notáveis do Brasil”? Porque a lista de milagres inserida por Francisco Soares, apesar de constituir um elemento secundário dentro do manuscrito, revela detalhes preciosos da vida dos colonos quinhentistas, muitas vezes despercebidos em uma leitura ligeira ou desatenta. A partir de uma análise interseccional de gênero, faixa etária e etnia, mostramos que Francisco Soares diversificou proporcionalmente os perfis dos beneficiados pelos milagres citados na lista. Essa heterogeneidade proporcionalizada entre homens e mulheres, não adultos, adultos e velhos, e portugueses, indígenas e afrodescendentes revela – apresentemos nossa hipótese principal - uma discreta intenção: difundir a devoção à Nossa Senhora d’Ajuda no Novo Mundo, através da oficialização, ao menos social, mas, talvez, até mesmo institucional, da fonte do Arraial como um *local de milagres*.

Os percalços, também bastante diversificados, mostram a abrangência dos benefícios do remédio da botica de Arraial d’Ajuda, que tratava tanto pequenos problemas de saúde, quando graves enfermidades. O uso do medicamento sagrado era a única esperança de cura, em um contexto de escassos recursos médicos, mas profunda confiança em Deus e na intercessão dos santos, o que fez da fé o motor do fluxo migratório mais antigo da história do Brasil. Confiantes na recuperação, os relatos sobre os milagres de Nossa Senhora d’Ajuda revelam a esperança dos fiéis-pacientes, que acreditavam, por vezes, que seriam curados em 9 dias, dependendo da doença.

Além dos milagres de cura, “Coisas notáveis no Brasil” também apresenta três milagres de castigo, importantes para mostrar que a atuação divina no Arraial d’Ajuda, intermediada por Santa Maria, foi além das curas promovidas pela fonte. Também é notório, nesses casos, a preocupação de Francisco Soares em diversificar proporcionalmente os perfis dos castigados. No caso do único milagre de salvação registrado, a narrativa pretende mostrar que não apenas a água da fonte da Ajuda possuía uma relação íntima com o divino, mas, também, que a própria região onde a igreja estava localizada era guardada pelo Senhor. Portanto, essa diversificação proporcionalizada do perfil dos agraciado, e sistematização dos relatos, ao nosso ver, revelam sutilmente o desejo de Francisco Soares de oficializar, institucional e/ou socialmente, a santidade do primeiro local de milagres do Brasil, para promover o culto à Nossa Senhora d’Ajuda no outro lado do Atlântico.

Referências

- BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico [...]*. Coimbra: no Collegio das Artes da Companhia de Jesu; Lisboa: na officina de Pascoal da Sylva, impressor de Sua Magestade, 8 vols., 1712-1721.
- CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*. São Paulo: Editora Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1978.
- DELOOZ, Pierre. *Les Miracles, um défi pour la Science?* Bruxelles: Duculot, 1997.
- ESCRITOS SOBRE OS NOVOS MUNDOS. *Grupo Escritos Sobre os Novos Mundos*, 2020. Quem somos. Disponível em: <<https://www.grupoescritos.com/>>. Acesso em: 15 de jan. de 2024.
- GÂNDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da Terra do Brasil; História da Província Santa Cruz*. Belo Horizonte-MG: Itatiaia, 1980.
- IPHAN. Processo n.º 800-T-68. Relatório técnico, 1997.
- LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, Vol. I, 1938.
- LEITE, Serafim. *Novas cartas jesuíticas: de Nóbrega à Vieira*. São Paulo – Rio de Janeiro – Recife – Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1940.
- SÁ, António de. Carta do Ir. António de Sá [?] aos padres e irmãos da Bahia. In: LEITE, Serafim. *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil*. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, vol. 3, p. 17-22, 1956.
- SEMEÃO, Lucas de Almeida. A igreja e a fonte de Nossa Senhora d'Ajuda de Porto Seguro (1551-1761). In: GASPARETTO, Antônio; DUTRA, Ana Paula (orgs.). *História: espaço fecundo para diálogos 2*. Ponta Grossa: Atena, 2020a, p. 221-232.
- SEMEÃO, Lucas de Almeida. *Milagres no Brasil (Séculos XVI-XVIII)*. 2020, 110 f. Dissertação (Mestrado em História e Cultura Social). Franca: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", 2020b.
- SEMEÃO, Lucas de Almeida. Prática batismal e os cuidados com o corpo e com a alma no Brasil colonial (séculos XVI e XVII). *Oficina Do Historiador*, vol. 15, n. 1, p. 01-11, 2022.
- SOARES, Francisco. *Coisas notáveis do Brasil*, Volume 1. Front Cover. Francisco Soares. Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1966.
- SOARES, Francisco. De algumas cousas mais notáveis do Brasil: informações jesuíticas de fins do século XVI. In: *Revista do Instituto histórico e geográfico brasileiro*, tomo 94, vol. 148, p. 367-422, 1904.
- SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. Edição comentada por Francisco Adolfo de Varnhagen. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1971.
- VALENTE, José Augusto Vaz. Um manuscrito do primeiro século da colonização. In: *Anais do V Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*. São Paulo: FFLCH-USP, 1971, vol. 2, p. 7-21.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

WEBER, Max. *O político e o cientista*. Lisboa: Editorial Presença, 1973.

Notas de autoria

Lucas de Almeida Semeão é mestre e doutorando em História pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). E-mail: lucasalmeidasesmeao@hotmail.com

Como citar esse artigo de acordo com as normas da revista

SEMEÃO, Lucas de Almeida. Coisas notáveis do Porto Seguro quinhentista: os milagres da fonte de Nossa Senhora d’Ajuda, na obra de Francisco Soares. *Sæculum – Revista de História*, v. 28, n. 49, p. 105-120, 2023.

Contribuição de autoria

Não se aplica

Financiamento

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC BY-NC 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico

Recebido em 31/07/2023.

Modificações solicitadas em 20/12/2023.

Aprovado em 15/01/2024.